

Olhando de 2026 para trás**

Marcos Arruda *

O PACS completou 20 anos de existência em 2006. Foi como uma travessia em mar revolto, ondas e esperança se convertendo em vagalhões e ameaças, e o nosso pequeno barco atravessou-as todas até chegar aonde estamos hoje. Quanta gente competente e dedicada passou pelo nosso convés! A elas, a nossa gratidão e reconhecimento. Também ao Pe. Agostinho Pretto, às sócias e sócios, às antigas equipes do PRIES-Cone Sul, à equipe atual e aos nossos parceiros.

Nessa data, a equipe achou que não faria sentido voltar os olhos para as diversas etapas de reflexão e trabalho social que marcaram os 20 anos da nossa história, dado que recém completamos uma avaliação externa, com a colaboração de Liliane Reis e Alexandre Menezes. É o momento de olharmos para a frente, de identificarmos tendências e definirmos estratégias a fim de influir nelas num sentido positivo, construtivo, transformador do sonho em possibilidade, e desta em realidade.

Na Roda de Conversa que realizamos na festa dos 20 anos, Rose Muraro nos convidou a um olhar prospectivo sobre o ambiente que estamos moldando em nosso entorno. Ela se concentrou na alarmante tendência ao aquecimento global, que parece acelerar-se em proporção geométrica. Mas há diversos fenômenos encadeados entre si que estão merecendo a preocupação crescente do mundo: a crescente escassez de água doce, indispensável para a vida; o acelerado desmatamento; a ameaça sempre mais iminente de redução drástica da biodiversidade; e a lentidão em abandonarmos os combustíveis fósseis antes que eles se esgotem. Eles são o principal fator da ação humana sobre o aquecimento global. Rose teme que já seja tarde.

Fernando Siqueira nos alerta para a tendência a uma crise do suprimento de energia à sociedade humana, centrando nossa atenção sobre a aceleração do aumento da demanda frente a uma oferta de petróleo e gás natural que tende a reduzir-se e, em quatro ou cinco décadas, esgotar-se. Ele conclama a uma ação política emergencial para investir em pesquisa e desenvolvimento de fontes renováveis de energia. A adoção de um estilo de vida e de consumo simples, consciente, ético e, portanto, sustentável é acenada como solução de extrema urgência.

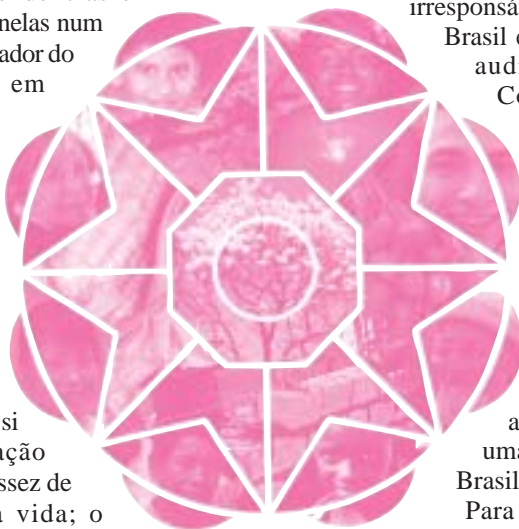
Gaudêncio Frigotto nos convocou a pensar numa educação não alienadora nem somente instrumentadora. Ele concebe a educação como um fator essencial para a construção não somente da consciência e da capacidade crítica de compreender os fatores determinantes dos riscos à sobrevivência da humanidade e da vida no Planeta, mas também para a edificação dos sujeitos da ação transformadora destes riscos em oportunidades para a humanidade evoluir mais além de onde já chegou.

Maria Lúcia Fattorelli nos ajudou a viajar para trás, lembrando 1986, início da fase pós-ditadura militar, meados de mais uma década perdida do desenvolvimento, quando o garrote da dívida externa estava apertando até desembocar na moratória de 1987. Ela relembra quão irresponsáveis foram os governos de afundar o Brasil em dívidas impagáveis e de resistir a auditar a dívida conforme exigiu a Constituição de 1988. Se a espiral ascendente do endividamento público que sangra o orçamento continuar, privando o governo de recursos essenciais para alavancar o desenvolvimento endógeno do País, Maria Lúcia prevê um 2026 desastroso. Aponta para a auditoria como o caminho para esclarecer a legalidade e legitimidade das dívidas financeiras, e armar o governo de argumentos contábeis e políticos para uma negociação soberana que liberte o Brasil do jugo dessas dívidas.

Para o Pacs, soluções tecnológicas para enfrentar as ameaças de crise global certamente não bastam. É necessário estudar a fundo a relação entre as tendências de crise social, financeira, ecológica e energética, por um lado e, por outro, o atual modo de desenvolvimento econômico e a cultura produtivista e consumista que dominam a economia do capital globalizado. Sem a visão sistêmica e soluções que vão às raízes dos problemas, as mudanças tecnológicas serão apenas paliativas e não conseguirão evitar um colapso de maiores proporções.

* Socioeconomista e educador do Pacs e da Rede Jubileu Sul. Sócio do Instituto Transnacional (Amsterdan).

** Esta edição do nosso Informativo é comemorativa do aniversário de 20 anos do Pacs, realizado no dia 14 de dezembro de 2006, com o evento *Roda de Conversa: Olhando de 2026 para trás*. Todos os textos aqui publicados foram retirados das falas dos colaboradores convidados da *Roda*.



2026: A Terra em quatro cenários

Rose Muraro*

Em 68, escrevi um livro chamado *Automação e o futuro do homem*, onde eu fazia a prospecção para o ano 2000. Agora estou preparando uma reedição desse livro, e fiquei apavorada quando vi que a vida eletrônica iria substituir em algum momento do século XXI a vida biológica, principalmente através da nanotecnologia e da física quântica, que permitem irmos além das leis da física clássica. Todo mundo fala que pode ir direto a uma partícula cancerosa e curá-la, fazer tecidos infinitamente duros e muito leves; mas isso tudo é conversa diante daquilo que realmente vai acontecer, que é o controle do ser humano de dentro para fora, do neurônio para fora, porque poderemos ser *chipados* pelo ar, pela nossa respiração, pela corrente sanguínea.

Pedi a uma universidade americana a cronologia da tecnologia, e disseram que no século XX a humanidade inventou 90% de toda a tecnologia inventada na história

“Estamos na terceira revolução industrial, que é a revolução dos computadores, que torna o pensamento humano obsoleto. E a quarta é a revolução da biotecnologia; o cérebro humano não agüenta acompanhar este ritmo!”

humana; e, agora, só no século XXI já inventamos a mesma proporção, deixando para trás tudo que se fez no século passado. O motor da civilização industrial são o petróleo e o carvão, energias de origem fóssil não renováveis. Elas ainda não foram substituídas por energias renováveis, embora a espécie humana já domine a tecnologia da fusão nuclear. Eu achava que eles não tinham conseguido campo magnético suficiente para isso, mas já

conseguiram há muito tempo. E só não o fizeram por causa dos interesses da indústria dos combustíveis fósseis.

Para falar do ano de 2026, é preciso fazer futurologia com quatro cenários: o primeiro cenário da humanidade é um silêncio absoluto, onde os mares terão subido 66m, porque as energias fósseis terão elevado a temperatura a tal ponto que todo o gelo do Planeta teria derretido, sobretudo o da Antártica, que contém 90% de toda a água do Planeta. Os continentes seriam invadidos e 3% deles seriam perdidos para o mar. Esse é o cenário mais pessimista, co-pensado com o doutor Rogério César Cerqueira Leite, que diz que, talvez, o mar vá subir 5m até 2020, a continuarem as mesmas tendências de aquecimento global.

Acabamos de perder o trigo do sul do Brasil em alguns meses porque a oscilação climática desse ano foi pior que o tornado que veio sobre Santa Catarina. Penso que, a continuar

essas tendências, nos próximos cinco anos passaremos por uma

época de grande fome na humanidade, e eu gostaria que isso fosse estudado por pessoas especializadas em conservação de alimentos e de plantas, junto com pessoas especializadas em história da tecnologia, coisa que nunca se fez.

O segundo cenário é menos pessimista: parte da humanidade sobrevive, mas chega à barbárie por causa da guerra da água. Nós teremos só 0,003% da água mundial para uso doméstico; o mundo estará imerso em guerras pela água. A fusão nuclear estará já em funcionamento, mas tarde demais. E a nanotecnologia estará em pleno funcionamento. Estaremos controlados por um computador central, que será um computador quântico, maior do que todos os computadores juntos, que são ainda computadores analógicos. Estamos na terceira revolução industrial, que é a revolução dos computadores, que torna o pensamento humano obsoleto. E a quarta é a revolução da biotecnologia; o cérebro humano não agüenta acompanhar este ritmo!

No terceiro cenário, boa parte da humanidade estaria dividida, pelo menos, em duas humanidades: entre aqueles que têm o saber e a tecnologia e aqueles que não têm, que podem ser nossas empregadas domésticas, podem ser alguns povos da África, podem ser pessoas que serão muito mais facilmente manipuladas do que aqueles que detêm o conhecimento. Talvez, pela genômica, estas duas humanidades não possam mais se cruzar. Craig Venter [*cientista da Genomics, EUA*] está prometendo por US\$ 3 mil uma carta genética para quem quiser saber as doenças que terão na idade adulta. Ele está oferecendo isso ao pessoal rico e nós, que somos os outros, vamos ter as doenças, vamos ser a outra parte da humanidade.

E no quarto cenário, que é o cenário otimista, pode haver a possibilidade de pararmos ou revertermos esse processo. É um cenário mais improvável. No momento em que você for *chipado*, você pode *chipar* também os donos do poder, e aí nós estaremos a mercê da vida eletrônica. Não gosto de pensar nisso, mas gosto menos ainda de pensar que a gente vá acabar sob a água, numa nova era glacial, a era que se sucede ao aquecimento global. Nós já pegamos uma pequena idade do gelo, há 20 mil anos, e a gente poderá pegar não uma pequena, mas uma grande era do gelo, se continuar a mesma tendência da loucura e da irresponsabilidade humana. ☺

* É escritora, física e feminista, autora de livros como *Automação e o Futuro do homem* (1968), *A Mulher no Terceiro Milênio* (1992) e *Um Mundo Novo em Geração* (2003).



Crise do petróleo: quanto valerá para o mundo?

Fernando Siqueira*



O petróleo tem 50% de participação na utilização de energia do mundo e não existe uma perspectiva de, nos próximos 20 anos, diminuir essa dependência da energia fóssil. Sabemos que o uso de combustíveis fósseis é o principal emissor dos gases estufa responsáveis pela aceleração do aquecimento global. Temos uma esperança na biomassa, hoje com 0,5% da participação, mas ela exige investimento, pesquisa e um tempo de maturação. Então, nós, nos próximos 20 anos, vamos continuar dependentes do petróleo.

A reserva de petróleo na Arábia Saudita é de 264 bilhões de barris; no Irã, 137 bilhões;

no Iraque, 115 bilhões, só que esta é a única região de todo Planeta onde ainda há perspectiva de serem descobertas novas reservas, porque, desde 1990, com a Guerra do Golfo, não houve, no embargo, condições de explorar as suas áreas de provável produção. Os Estados Unidos, com 29 bilhões de barris de reserva e consumindo 7,5 bilhões por ano, em quatro anos, ficariam sem petróleo se não importassem. O Brasil tem 14 bilhões/ano e tem, no máximo, uma perspectiva de chegar a 20 bilhões de barris de reservas; consome, mais ou menos, um bilhão por ano. Portanto, não deveríamos exportar petróleo, pois isto encurtaria a vida do petróleo nacional.

Praticamente 70% das reservas mundiais estão no Oriente Médio, daí esse esforço mundial de colocar a culpa de todas as mazelas do mundo no fundamentalismo islâmico, para justificar a invasão desses países e a apropriação do seu petróleo. A invasão dos Estados Unidos no Iraque derrogou todas as leis e normas de condutas internacionais. Foi invadido um país soberano, dominado e levado à situação de guerra civil.


A primeira crise do petróleo foi em 1973. Ela provocou um colapso nas economias dos países importadores. O principal motivo foi uma reação do Oriente Médio contra o apoio incondicional dos Estados Unidos a Israel, que começou a ameaçar a segurança do Oriente Médio. Aliás, desde o pós-

2ª Guerra Mundial, Israel foi implantado ali com o objetivo de implodir o Oriente Médio para que o Ocidente pudesse tomar suas reservas de petróleo. O segundo choque foi em 1979: os iranianos tinham ódio dos americanos porque derrubaram o primeiro ministro Mohammed Mossadegh, colocaram o Xá Reza Pahlavi, que era um teleguiado dos Estados Unidos. O Aiatolá Khomeini, quando assumiu, criou o segundo choque de petróleo para se vingar e colocar em risco as economias do Ocidente, que são todas elas dependentes do petróleo.

Consideremos a possibilidade de um terceiro choque. Ele será, infelizmente, irreversível. Em 2005, o consumo mundial foi de 84 milhões de barris por dia. Em 2006, mais que 86 milhões, mas projeta, para 2010, 95,4 milhões de barris por dia no mundo, e em 2015, 107 milhões de barris por dia; isso representa 30,7 bilhões de barris por ano, em 2005 e 2006; 34 bilhões em 2010 e 39 bilhões em 2015.

A tendência de descobrir novas reservas é cada vez menor, cada vez mais cara, as empresas, as “Sete Irmãs”, praticamente não estão investindo mais em pesquisa, porque o petróleo encontrado sai mais caro do que o valor investido na sua pesquisa.

No Brasil, Fernando Henrique quebrou o monopólio do petróleo, fez uma lei que entrega o petróleo para as empresas estrangeiras que produzirem, e Haroldo Lima, da Agência Nacional de Petróleo, está leiloando áreas produtoras, fazendo com que o nosso petróleo seja entregue a empresas estrangeiras, que pagam 15% de imposto de exportação, pela Lei Kandir, e embolsam 85% do petróleo encontrado nas áreas prospectadas pela Petrobrás.

A saída para o Brasil substituir energia são a biomassa, a energia eólica e a energia solar. Mas o governo Lula entregou o comando da biomassa brasileira para o cartel internacional da soja. O que nos preocupa é que o governo fez a lei das florestas que permite arrendar 40 milhões de hectares da Amazônia por 40 anos e prorrogáveis por mais 40; essas empresas já estão prontinhas para assumirem essas terras e transformarem boa parte da Amazônia em um canteiro de soja para auferir seus lucros, exportar nosso sol, nossa energia e o nosso solo através de biomassa, do biodiesel e farelo de soja. É preciso imediatamente que nós, brasileiros, reajamos. 

* É engenheiro electricista, diretor da Associação dos Engenheiros da Petrobrás/AEPET.





Militância e feminismo florescendo a luta

Ana Mary Carneiro*

Não acredito somente na militância teórica, tem que haver militância na rua para demonstrar nossa insatisfação. No Brasil, estamos com pouco espírito de solidariedade, a gente faz uma reunião, uma marcha qualquer, dão dez gatos pingados. Isso, realmente, não assusta o poder político. Outro dia, o Noam Chomsky disse uma coisa terrível sobre algo que agrada muito ao capitalismo: quando a mulher sai por aí discutindo a questão do gênero, do aborto, não mexe com o capitalismo; o que mexe com o capitalismo é auditoria cidadã da dívida, é controle de capitais, é mudar realmente o sistema.

É preciso acabar com essa história de uma esquerda dividida, do tipo ‘com fulano eu não me dou porque está nessa tendência, ou está naquela ali’, pensando exatamente no País para mudar esse tipo de poder. Nós vemos um Congresso hoje que está muito pior do que o Congresso anterior; um governante eleito pelo povo, mas também pelos grandes empresários, pelos grandes capitalistas e pelos banqueiros; é a mesma coisa que botar uma coleira. É preciso que o povo diga isso aos governantes, tendo a preocupação com os problemas macro desse País, ou vamos ficar falando o tempo todo e não saímos do lugar. ☺

* Advogada de Direitos Humanos, auditora fiscal jubilada, vice-presidente do PACS.



Maria do Carmo (Chocolate)*



Me ligaram e disseram o seguinte: “Chocolate, você vai falar um pouco sobre o Brasil daqui a 20 anos”. Pensei muito sobre isso, e me incomoda, sempre me incomodou, o fato de a nossa educação ser de cima para baixo; tem que ser de baixo para cima. Não adianta nada você ter uma faculdade onde muitos daqueles que plantam o arroz e o feijão não têm direito a essa educação.

Penso que, se cada um de nós fizermos algo para mudar a situação, daqui a 20 anos nós vamos ter conseguido realizar a metade do que pretendemos. Eu não vou desistir daquelas crianças que estão na minha comunidade, não vou desistir daqueles adolescentes que estão lá perdidos, jamais vou mandar jogar um adolescente no mar porque ele me deu um tiro; se eu não puder conquistá-lo, matar também não vai adiantar nada.

Uma vez eu escutei numa assembléia popular que nós, mulheres, nos encontrávamos para fazer festinha. Nós, mulheres, nos encontramos para trabalhar; foram 40 mil mulheres a São Paulo brigar pelos nossos direitos, ajudar o País a lutar. São essas mulheres que ficam na frente dos seus maridos em tudo que acontece, que estão em casa quando chega o aviso de corte de energia, que colocam os filhos nas costas e vão até o posto médico. Mulher faz tudo o mais dentro de uma casa e dentro do Brasil. É preciso primeiro arrumar a nossa casa para depois arrumar lá fora.

Eu aprendi isso tudo com as pessoas que estão aqui. Muito obrigada. Mulheres, unidas, jamais serão vencidas! Os homens também! ☺

* Militante feminista do Comitê Popular das Mulheres e da Marcha Mundial das Mulheres.

Dívida pública: “devemos continuar pagando?”

Maria Lúcia Fatorelli*

A primeira coisa que me ocorreu para a *Roda de Conversa* foi pensar o que acontecia, em termos políticos e econômicos, há 20 anos. Naquela época, estávamos em plena crise da dívida externa, provocada pelas crises do petróleo, que foram provocadas na década de 70 e desaguaram na crise de endividamento na década de 1980. Por isso tudo foi colocada na Constituição de 1988 a necessidade de uma auditoria da dívida. Essa auditoria não aconteceu. A sociedade brasileira não deu conta de cobrar que ela fosse feita, e que essa questão da dívida chegasse à compreensão de cada um de nós, que pagamos a conta. Chegamos ao ponto em que 37% do nosso orçamento vai para juros e amortizações. De que dívida? Quem sabe responder o que é que estamos pagando? E o administrador público que não pagar é criminalizado porque a Lei de Responsabilidade Fiscal diz isso. Nós nem sabemos que dívida nós pagamos, só sabemos que pagamos. Mas devemos continuar pagando?



Daqui a 20 anos poderemos estar completamente arruinados, condenados, porque o nosso País é como um corpo e toda sangria tem limite; ela acaba chegando ao ponto da completa sucção das nossas energias, dos nossos recursos. O petróleo está em extinção, o preço está subindo, o consumo aumentando. Por que estamos leiloando as nossas jazidas, entregando-as a preço de nada? E ainda correndo o risco de ter uma guerra por conta disso? O pano de fundo é a subserviência financeira; nós estamos de joelhos, como há 20 anos disse lá na Comissão do Senado o senador Severo Gomes. Estamos, agora, 20 anos depois, repetindo a mesma coisa, só que, agora, pagando muito mais. Privatizamos tudo, praticamente. Agora estamos entregando a Petrobrás, 60% das ações preferenciais já estão privatizadas e desnacionalizadas; está aí o ataque sobre as nossas águas, que mais nós vamos entregar? E a dívida foi paga? Não, a dívida só aumentou.

Por outro lado, daqui a 20 anos, nós podemos ter domínio do nosso País, ter reconquistado o que já entregamos, ter todos os jovens estudando, porque recurso temos: até dezembro de 2006 foram-se R\$ 275 bilhões em juros e amortizações para os credores das dívidas financeiras! Para eles não falta dinheiro no Orçamento da União. Uma escolha perversa e contrária aos interesses do Brasil e às necessidades do povo.

Ou todos assumimos essa luta pela auditoria, que permitirá entender que dívida é essa e se já não pagamos muito mais do que devíamos ou, daqui a 20 anos, teremos descido mais ainda a ladeira, não se sabe para onde. É esse o desafio. ☺

* Auditora fiscal da Receita Federal; Rede Jubileu Sul e Auditoria Cidadã.

Pelo fim da barbárie, a soberania popular



João Luis Pinaud*

A militância é uma luta que precisa de mil coisas, inclusive, internas. A gente apanhar da direita faz parte do jogo. Mas uma falha nossa muito grande é não termos o sentido da auto-referência, da auto-ajuda entre nós, de desenvolvermos uma ética da nossa ação. Temos que ser exemplos de conduta, não podemos falhar. Deixa que a corrupção é um atributo da direita e da elite, não é nossa, a nossa luta vem por outro caminho.

Estamos vivendo num regime cada vez mais da hipertrofia da barbárie, que tenta nos tornar cada vez mais bárbaros. E uma das características dessa barbárie é a criminalização da pobreza, a mutilação da pobreza, que explica aí os caveirões, esse braço armado nas favelas. A elite se deteve, ela quer aumento das penas, as prisões, os muros mais altos, a menoridade penal, ela precisa dessa violência contra o pobre.

A maior questão que a ONU coloca em evidência é a defesa de quem defende. Quem defende precisa ser aviltado, está sujeito à prisão, está sujeito a processo. Uma nova face da barbárie é a utilização dos mecanismos legais para anular aquele que está denunciando, aquele que está trazendo a grande denúncia.

Marx dizia uma verdade: “a liberdade não é eu não ser preso, a minha liberdade é o conhecimento da minha necessidade”. Se não conhecemos as nossas necessidades, nunca seremos livres, em direção nenhuma, e a igualdade não é uma coisa abstrata. Igual em relação a quem? A liberdade é livre de quem e livre de quê? Essas idéias precisam ser pensadas para o povo.

A grande força da elite não é a discussão dos grandes dilemas, os políticos e econômicos. A discussão dos conteúdos ficou prisioneira, cortada. A mutilação das agendas é o grande passo para a realização plena da barbárie. Acho que contra isso só mesmo a organização popular. O escritor alagoano Graciliano Ramos dizia que “o povo não tem amigos, ninguém é amigo do povo, o único amigo do povo é o povo organizado”. Ele deu a chave do movimento popular. Solidariedade não virá do poder como uma benesse, não virá da elite, não virá do Bush, por mais que os democratas ganhem as eleições de lá; não virá deles nada que permita a emancipação latino-americana, que permita a nossa tomada da cidadania, a supressão, auditoria da dívida externa, nada disso, porque isso tudo vai redundar na soberania de um povo, e soberania também não é um conceito abstrato. Soberania é a gestão da própria riqueza pelo próprio país, a riqueza ser efetivamente dele, o país possuir e gerir a sua própria riqueza. Isso só virá com luta. ☺

* Membro do Conselho dos Direitos Humanos da OAB.

Educação para um outro mundo possível

Gaudêncio Frigotto*



Eu fiquei ouvindo as duas exposições [de Rose Muraro e Fernando Siqueira] e me perguntando: que maluco de humanidade construiu isso? E me lembrei do livro do Eric Hobsbawm, *Era dos extremos*, onde ele diz: “nós não sabemos para onde vamos, só sabemos que chegamos até aqui e porquê”; e a conclusão a que chego é que, se continuarmos no mesmo caminho, o futuro será o cenário da escuridão e da barbárie. Mas, ao mesmo tempo, existe a alternativa do quarto cenário [descrito por Rose Muraro], a possibilidade de reconstruirmos o Planeta.

Esta sociedade destruidora das bases da vida, e numa velocidade cada vez maior, é uma sociedade construída pelos seres humanos; não foram ETs, nem os deuses, nem os demônios, nem os anjos os responsáveis. A primeira convicção é que se alguns seres humanos construíram esta barbárie, e nós estamos dentro dela, também podemos alterar a barbárie. É preciso buscar uma outra pauta de educação.

A nossa primeira tarefa é tomar pé do cenário da destruição do meio ambiente, e o da exploração no trabalho. Nietzsche dizia que a juventude que viria teria um muro pela frente; um muro é a concentração do conhecimento e o outro muro é a exploração do trabalho; e disse: “quem vive entre muros tem vida de cachorro”.

Outro exercício é tentar criticar o outro que está dentro de nós, que é o consumismo, a competição, ‘o problema não é meu’, que é, em suma, uma educação para a submissão, para a competição, para a não construção coletiva. A educação que se dá da pré-escola à pós-graduação é uma educação não na construção de um outro mundo possível, mas de reproduzir este mundo, explicitamente ou de forma sutil. Esta é a educação que não nos permite ver a realidade.



É preciso decidir exatamente qual sociedade, qual coletividade, qual educação, qual economia nós queremos. Haverá futuro se as pessoas se empoderarem nesse sentido. O papel da educação é criar sujeitos políticos e não pensar que política é pertencer a qualquer sigla. Essa é a política da ordem burguesa, e o fruto dela se chama capitalismo; este só avança destruindo. Além disso, como diz Noam Chomsky, utilizar o medo e a violência como formas de domínio do mundo nos convence até de que, em nome dos direitos humanos, estão fazendo uma guerra justa no Iraque.

A consciência das pessoas, a educação não bancária, que promove a criação de sujeitos, que desenvolve capacidade crítica, que dá capacidade de análise, de ver a parte no todo, ela é perigosa porque é revolucionária, mas é esta que pode construir um cenário. É também a educação que se dá nos movimentos sociais, nas cooperativas de economia solidária, no cotidiano do trabalho; em casa, onde nós vemos que a maior parte das mulheres faz o trabalho invisível de doméstica, ela tem que nos ajudar a dizer não e a construir.

Os seres humanos fizeram essa barbárie, mas eu quero crer – porque senão eu não tenho como entrar numa sala de aula amanhã – que um outro mundo é possível. ☺

* É mestre e doutor em educação, professor da UERJ.

Informações
PACS 20
anos

Publicação trimestral do Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Equipe: Ana Cândida, Bruno Lopes, Eliane Macedo, Gabriel Strautman, Gustavo Vaccihi, Jussara Oliveira, Kátia Aguiar, Leilane Brito, Márcia Danielli, Maria Eduarda Quiroga, Marcos Arruda, Peter Gerhard, Robson Patrocínio, Rosana Lobato, Sandra Quintela, Terezinha Pimenta.

Edição, reportagem e revisão : Márcia Danielli 805-MTB/AL

Fotos: Silvia Costanti

Projeto gráfico e diagramação: Rogério Nascimento

Impressão: Grafthaly

Tiragem: 2.500 exemplares

Distribuição: Gustavo Vaccihi e Leilane Brito
Sugestões, críticas ou pedidos de exemplares?

Fale conosco, teremos muito prazer em responder:

Av. Rio Branco, 277 - 16º andar - sala 1609
Centro • Rio de Janeiro • RJ • CEP 20.040-009

Tel/Fax: (21) 2210-2124

www.pacs.org.br - pacs@pacs.org.br -
comunicacao@pacs.org.br **Utilidade Pública Federal** - Port.
nº 2.476,

de 17/12/2003 - D.O.U. de 18/12/2003

Conselho Municipal de Assistência Social -
inscrição nº 620 - D.O.M. de 28/10/2003

Articular gera Ação

Seminário sobre Orçamento Público e Desenvolvimento Local encerra o trabalho do Pacs em 2006 na Zona Oeste

*Tereza de Jesus Pimenta

Nos últimos dois anos, o Pacs optou por concentrar boa parte do seu trabalho na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A culminância do trabalho, no ano de 2006, aconteceu com o **Seminário Articulação GerAção**, sobre Orçamento Público e Desenvolvimento Local, que contou com o apoio do Grupo de Articulação da Zona Oeste. Essa articulação teve início na ocasião das discussões realizadas em maio de 2006 na FEUC - Campo Grande, sobre o Projeto de Lei Estadual de Economia Solidária, e da eleição de delegados para a 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária e a subsequente criação do Conselho Nacional de Economia Solidária.

Depois da Conferência, adotando uma perspectiva de ampliação temática e complementar, o grupo passou a trabalhar no levantamento das necessidades e ofertas disponíveis das organizações participantes. Nos primeiros encontros já foi possível solucionar problemas como a falta de local para produção fitoterápica e a ampliação do número de pontos de comercialização da produção de bens e serviços.

Também as Oficinas Temáticas de Orçamento, Consumo e Trocas, o Curso Mulheres e Economia e as Oficinas de Apoio à Gestão de Iniciativas da Economia Popular contribuíram para a ampliação das entidades envolvidas nas discussões e para o processo de preparação do Seminário.

No dia 25 de novembro de 2006, realizado na FEUC, o Seminário Articulação GerAção reuniu 77 lideranças comunitárias e representantes de organizações de diversas áreas como saúde, empreendimentos da economia popular, educação e pessoas comprometidas com o fortalecimento do desenvolvimento da Zona Oeste.

A dinâmica do orçamento público oportunizou que os grupos ensaiassem a distribuição dos recursos públicos por funções estratégicas como educação, saúde, saneamento, transporte, etc., e discutissem a importância da circulação da informação, já que quem a possui domina e determina onde alocar o dinheiro.

Partindo da reflexão dos grupos sobre a importância de conhecer e participar do orçamento da cidade, o relato de experiências de desenvolvimento local espalhadas por todo o País contribuiu para a ampliação da visão dos participantes sobre as possibilidades concretas de promoção do desenvolvimento. Alguns dos grandes questionamentos foram: o que é desenvolvimento e a quem serve? Como pode dar certo quando um grupo de duas ou três pessoas vai à prefeitura fazer alguma reivindicação? Pedir o quê, cobrar o quê?

Sem organização e sem qualificação as condições são mais adversas. Os grupos que têm dado certo nos mais diferentes lugares do Brasil são aqueles que, ao encontrarem as dificuldades, buscam qualificação e informação. O primeiro passo é se organizar. Não podemos deixar de pensar desenvolvimento de uma forma mais ampliada, sabendo que desenvolvimento é social e não somente econômico. As redes são outra experiência que vem dando certo e fortalecendo esta idéia. Não há desenvolvimento sem participação, sem organização, sem democracia. E este não é um trabalho fácil, requer paciência e persistência.

Se pensarmos, por exemplo, em desenvolvimento a partir do gênero, do ambiente, tem que ser sustentável do ponto de vista econômico. E quem cria as fórmulas são os próprios grupos, partindo da própria experiência local.

É assim que buscamos a informação de que realmente precisamos. Existem muitas dificuldades como, por exemplo, as da gestão compartilhada. Convencer o vereador, o prefeito, não é tarefa fácil.

É preciso buscar apoio de instituições de cunho econômico, de programas de governo, mas não ficar preso a estes programas. Eles não são pensados para atender as necessidades dos municípios. Nossa pressão é para modificar a proposta destes programas. Precisamos de recursos mais flexíveis. Se temos maior desenvolvimento social, temos melhor desenvolvimento econômico. Nosso papel é recusar o assistencialismo e o clientelismo, ter paciência para mudar a cultura. Cada iniciativa tem seu valor e precisamos valorizá-las.

Até aqui, o trabalho com os grupos teve dois resultados fundamentais: o primeiro foi a identificação do meio ambiente como questão que atravessa todos os bairros da Zona Oeste; e o segundo foi o compromisso de reencontro em março de 2007 para dar continuidade às discussões e proposições.

*Psicóloga social e educadora popular do Pacs.

A voz dos grupos

Depoimentos colhidos no dia 25 de novembro de 2006, durante o **Seminário Articulação GerAção**, na Zona Oeste.

Eu aprendi muito com as oficinas. Às vezes você está fazendo uma coisa e acha que está certa, quando aprende que está errada. Antes eu ia fazer uma blusa, comprava o pano por R\$ 5,00; se eu vendesse por R\$ 12,00 achava que já estava lucrando, e não era nada disso. Hoje em dia, já sei definir realmente o preço. Passei isso para o meu grupo, passo para outras pessoas.

Rosa Maria de Oliveira, trabalha com confecção e customização de roupas.

Quando você se reúne com vários grupos, vai ver que aquela fragilidade não é só sua, que outros grupos também têm, e a gente começa a visualizar as soluções. Esses cursos só têm a acrescentar na questão de conhecimento, da necessidade de absorver mais, de se apropriar do que a gente está fazendo. É difícil quando nos deparamos com números, mas é importante para não virarmos massa de manobra, isso acontece pela falta de informação. O sistema formal de trabalho, empregado/patrão, está ruindo. Tem que se buscar alternativas, e esta é uma alternativa que me satisfaz. Quanto mais sabemos o que estamos falando e fazendo, temos perspectiva de expansão.

Heraldo Lúcio Raimundo, do grupo *Vitória Régia*, trabalha com saúde preventiva.

Hoje, o grande desafio não é o fazer, porque os grupos fazem e fazem bem. O grande desafio é a comercialização dos produtos, acho que todos nós temos esta grande dificuldade. O curso abriu muito a nossa mente. Coisas que a gente não pensava, como programar o custo, o custo variável, o custo fixo, o que se gasta, o que se deixa de gastar. No meu caso, serviu até para eu poder caminhar sozinha. A maioria das pessoas vê o deficiente como pobre coitadinho, é incapaz, que não pode nada; ele pode o que quiser e mais alguma coisa! Foi muito importante quando a nossa coordenadora chegou na minha casa e me convidou, me deu a primeira

oportunidade de começar a fazer alguma coisa dentro do projeto. E dessa primeira oportunidade foi que deslanchou essa Neise que eu sou hoje.

Neise Cavine, artesã do grupo Mulheres de Pedra, da comunidade de Pedra de Guaratiba.

Acho que a falta de consciência é uma dificuldade, e isso só acontece através dessas realizações de formação voltada pra outro tipo de economia. Comecei a ler sobre esse modelo de socioeconomia solidária, e no meu grupo apresentamos um trabalho a respeito. Queremos transformar através dessa percepção, desse conhecimento, e partilhar com a população. Hoje estou desempregada, mas me sinto livre porque, quando o meu patrão falou “você foi demitida”, era como se aquelas algemas sáíssem de mim. Me liberei do peso que existia da responsabilidade e da exploração que aliena.

Leila Sales, estudante do 4º período de Ciências Sociais na FEUC, integrante-fundadora da ong Procic- Projeto de Cidadania do Colonial, no município de Belfort Roxo.

Uma das coisas que eu recinto no currículo escolar, nas posturas acadêmicas, é essa ausência de cursos de formação voltados para a economia solidária, para a emancipação e a produção alternativa, pois são sempre feitos a partir de práticas isoladas. No entanto, em grupos assim como esse que nós estamos hoje, eu percebo uma legitimidade e uma proposta bem natural das pessoas que se sentem deslocadas no mundo de consumo, no mundo de compra e venda, no mundo em que o dinheiro é o bem maior. Eu percebo que existem pessoas que ainda vêm novas ou antigas práticas de produção, de associação prazerosa.

Inalva Mendes Brito, moradora da comunidade do entorno da Lagoa de Jacarepaguá, é professora da Escola Finlândia e integrante do Comitê Social do Pan.

